

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

94(469)NEV.1*

48859

BIBLIOTECA

QUEM FAZ A HISTÓRIA

ENSAIOS SOBRE O
PORTUGAL CONTEMPORÂNEO

Organização
JOSÉ NEVES

Bruno Monteiro, Carlos Maurício, Cláudia Figueiredo,
Cristina Nogueira da Silva, Diogo Duarte, Elisa Lopes da Silva,
Emília Margarida Marques, Fátima Sá e Melo Ferreira,
Joana Cunha Leal, Joana Estorninho de Almeida,
Lais Pereira, Maria-Benedita Basto, Marta Silva,
Miguel Cardina, Pedro Ramos Pinto, Ricardo Roque,
Ruy Blanes, Steven Forti, Tiago Pires Marques,
Tiago Ribeiro, Tomás Vallera,
Victor Pereira, Virgílio Borges Pereira

L I S B O A
T I N T A - D A - C H I N A
M M X V I

Este livro é publicado com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia, no quadro do projecto de investigação PTDC/HIS-HIS/104166/2008, desenvolvido no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, sob coordenação de José Neves. A elaboração do livro foi igualmente antecedida da realização da primeira edição do Encontro Futuros da História, realizado pelo mesmo Instituto no âmbito do Projecto Estratégico UID/HIS/04209/2013.

Nesta edição, respeitou-se a opção ortográfica de cada autor.

As fotografias apresentadas no início de cada uma das três partes do livro são da autoria do estúdio Horácio Novais e pertencem ao álbum *Exposição do Mundo Português*, conservado pela Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem agradecemos a disponibilização das imagens. O álbum pode ser consultado em: www.flickr.com/photos/biblarte/albums/72157621817098955.

[p. 18]: «Padrão dos Descobrimentos, Lisboa, Portugal» (c. 1940) [CF1164_044090.1C]
[p. 96]: «Padrão dos Descobrimentos, Lisboa, Portugal» (c. 1940) [CF1164_044082.1C]
[p. 192]: «Exposição do Mundo Português, Lisboa, 1940. Início dos trabalhos» (finais de 1930) [CF1164_02654.1C]

© 2016, Autores e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Quem Faz a História. Ensaios sobre o Portugal Contemporâneo*
Coordenação: José Neves

Autores: Bruno Monteiro, Carlos Maurício, Cláudia Figueiredo, Cristina Nogueira da Silva, Diogo Duarte, Elisa Lopes da Silva, Emília Margarida Marques, Fátima Sá e Melo Ferreira, Joana Cunha Leal, Joana Estorninho de Almeida, Lais Pereira, Maria-Benedita Basto, Marta Silva, Miguel Cardina, Pedro Ramos Pinto, Ricardo Roque, Ruy Blanes, Steven Forti, Tiago Pires Marques, Tiago Ribeiro, Tomás Vallera, Victor Pereira, Virgílio Borges Pereira

Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china (P. Serpa)

1.ª edição: Abril de 2016

ISBN: 978-989-671-309-6
DEPÓSITO LEGAL n.º 407238/16

ÍNDICE

7 INTRODUÇÃO

- 9 Os sujeitos da história
José Neves

17 EM PARTICULAR E NO GERAL

- 23 Da «ilusão biográfica» às novas biografias
Carlos Maurício
- 33 Subjetividade e fontes orais na escrita da história
Miguel Cardina
- 41 Biografias proféticas
Ruy Blanes
- 49 «Onde estavas tu no 25 de Abril, pá?»: Revolucionários, movimentos sociais e cidadania quotidiana
Pedro Ramos Pinto
- 61 Os colonos internos do Estado: Sujeitos de uma história futura
Elisa Lopes da Silva
- 71 Modos de agir: A doença mental nas tramas históricas
Tiago Pires Marques
- 83 Modernismos do sul: História e diálogos artísticos transnacionais
Joana Cunha Leal

95 AS REPRESENTAÇÕES E AS COISAS

- 101 Rebeldes, povos e reis: Revisitação de algumas personagens historiográficas
Fátima Sá e Melo Ferreira
- 109 Escravos, legisladores, juristas e normas jurídicas
Cristina Nogueira da Silva

- 123 Reptos dos trânsfugas: Biografia e análise da linguagem política numa perspectiva comparada
Steven Forti
- 133 Sujeito ao direito: Em torno da confissão e da perícia
Tiago Ribeiro
- 147 O povo que está por ver: História e fotografia
Lais Pereira
- 157 Passageiros perigosos: Histórias de quasi-objects
Ricardo Roque
- 169 Materialidade, objectificação e operários
Emília Margarida Marques
- 181 Prosopografia e intelectuais: Notas de uma pesquisa sócio-histórica sobre o Porto, 1958-1965
Bruno Monteiro e Virgílio Borges Pereira

191 PODER E EMANCIPAÇÃO

- 195 Honra e fadigas do funcionalismo público oitocentista
Joana Estorninho de Almeida
- 209 A história do sujeito escolar como acto de resistência
Tomás Vallera
- 219 Proletários-escritores: Práticas da escrita e variações do espaço político contemporâneo, 1850-1926
Cláudia Figueiredo
- 229 Escritas de guerrilheiros moçambicanos e práticas de emancipação: «Na metade mesma de um passo»
Maria-Benedita Basto
- 239 Acção popular e «questão religiosa» na Primeira República
Diogo Duarte
- 249 Os migrantes ou as ausências da história do século xx português
Victor Pereira
- 259 Engajadores, passadores e outros auxiliares: Poderes intermédios na emigração clandestina portuguesa
Marta Silva

269 NOTAS BIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

BIOGRAFIAS PROFÉTICAS

RUY BLANES

No campo da religião, o género biográfico é um eixo central de constituição e acumulação de conhecimento, ortodoxia e convicção. Adoptando uma perspectiva genealógica e historicista na linha de Talal Asad, dir-se-ia que, enquanto regime disciplinar e de autorização colectiva, a instituição religiosa requer um conjunto de processos de constituição material e ideológica de autoridade.¹ Neste contexto, a biografia torna-se frequentemente a matéria de facto a partir da qual essa autoridade se constrói, invocando processos de disciplinação colectiva através da canonização da «vida e obra» de personagens consideradas santas ou, em última instância, «extra-ordinárias». Trata-se de um processo que Max Weber apelidou de «rotinização» da liderança carismática, isto é, de transformação paulatina de movimentos sociais (religiosos ou políticos), que emergiram espontaneamente, em torno de figuras carismáticas, em instituições sociais e políticas. Do ponto de vista diacrónico, tal processo invoca igualmente o problema do indivíduo enquanto sujeito histórico – um problema debatido na antropologia a partir das reflexões de Georges Balandier, Marshall Sahlins e outros.² Balandier, por exemplo, explorou a questão da importância do indivíduo enquanto agente histórico, motor

de dinâmica e transformação através do auto-reconhecimento enquanto actor capaz de afectar a situação e a dinâmica histórica. Balandier inspirou-se precisamente na «situação colonial» e na emergência dos movimentos de libertação política e religiosa na África subsariana, a partir da organização colectiva em torno de figuras carismáticas.³

No contexto concreto do cristianismo, campo onde tenho vindo a desenvolver as minhas pesquisas nos últimos anos, a prática do género biográfico é, a partir desta perspectiva, fundacional, tendo em conta que assenta no evangelho – a «vida e obra» – de Jesus Cristo, composto a partir dos textos de Mateus, Marcos, Lucas e João, e progressivamente canonizado em «verdade absoluta» nos séculos seguintes, através dos vários concílios católicos. Grande parte do Novo Testamento acumula retratos compostos da vida de Cristo, elaborados através de testemunhos de grau e estilo variável. Mas a vida de Jesus Cristo não supôs só o cânone teológico do cristianismo do ponto de vista do conteúdo. Do ponto de vista formal, definiu igualmente uma matriz narrativa, um *template*. As vidas de santos e mártires cristãos foram a matéria narrativa a partir da qual se constituiu toda uma pedagogia que envolve formações ideológicas, políticas, estéticas, litúrgicas, materiais, etc. Pense-se, a título de exemplo, na eucaristia e no baptismo como formulações práticas que invocam elementos biográficos da vida de Jesus Cristo tidos como primordiais.

Neste contexto particular, o «género» das biografias proféticas apresenta problemas interessantes no que diz respeito ao sujeito histórico e à sua respectiva contextualização. À semelhança de outros líderes e especialistas religiosos, como os papas, bispos, santos e mártires, os profetas corporizam uma noção particular de «carisma» no sentido weberiano, isto é, no sentido em que são reconhecidos como líderes com capacidade de congregação, mas cuja abrangência depende invariavelmente de uma ideia de colectivo, comunidade ou instituição. No entanto, como veremos em

seguida, ao contrário do que acontece com o prelado, em relação ao qual a função de liderança se encontra predefinida, a própria ideia ou definição de «profeta» apresenta-se como elusiva, em termos não só empíricos como também conceptuais.⁴ O que é um profeta, afinal? Um especialista ritual, um dirigente, um líder carismático, um xamã, um messias? Ou todas as hipóteses anteriores? Jesus Cristo foi profeta, mas também Quesalid, o xamã de que Claude Lévi-Strauss fala, o sábio Gwek entre os Nuer estudados por Evans-Pritchard, o Santos Atahualpa descrito por Lanternari e muitos outros.⁵ É precisamente esta ambiguidade e instabilidade conceptual que tornam o conceito de profeta interessante, tanto para um argumento sobre liderança religiosa como para um argumento sobre história, memória e biografia.⁶

Neste último aspecto, os profetas propõem um desafio à própria ideia de cânone e autorização, na medida em que convocam aquilo a que Walter Benjamin chamava «momento messiânico», um questionamento da «história vitoriosa» e da sua tendência totalizante – ou seja, da produção da sua própria inevitabilidade – através do anúncio de possibilidades alternativas (profecias messiânicas) ou de novas ordens sociopolíticas.⁷ A título de exemplo, foi este o caso dos profetas bakongo – Simon Kimbangu, Simon-Pierre Mpadi e outros –, que se revoltaram contra o sistema colonial belga, acontecimentos descritos por Georges Balandier e Wyatt MacGaffey;⁸ dos líderes dos famosos «cultos cargo» milenaristas na Melanésia, reagindo a um processo de colonização comercial ocidental;⁹ ou dos profetas anti-Estado de Zomia, de James Scott.¹⁰

É aqui, na desestabilização temporal e historiográfica, que o problema da biografia profética se torna interessante. Por «biografia profética» entendo um conjunto de mecanismos que estabelecem, de uma maneira ou de outra, um processo de recordação da vida de um profeta religioso e de reconstituição da sua trajetória vital. Tomemos como exemplo o estudo de caso da pesquisa que desenvolvi nos últimos anos em Angola: o da Igreja Tokoista,

44 QUEM FAZ A HISTÓRIA

assim chamada por nascer do apoio a um líder religioso local, Simão Gonçalves Toko (1918-1984). Nascido na província do Uíge, no Norte de Angola, Toko fora aluno e professor nas missões baptistas da região, antes de decidir emigrar para a capital do então Congo Belga, Léopoldville, e de criar o seu próprio movimento independente, emancipando-se. A sua mensagem profética e emancipatória, bem como a sua capacidade de congregação no seio da comunidade de expatriados angolanos na cidade, atraiu a suspeita das autoridades belgas e ao mesmo tempo transformou-o numa referência ideológica nas comunidades locais. A partir da sua expulsão de Léopoldville para Angola em 1950, até ao momento da sua morte em 1984, Toko viveu períodos consecutivos de exílio (no Sul de Angola e nos Açores, entre 1950 e 1974) e, já de regresso ao seu país natal, de prisão, reclusão e clandestinidade (entre 1975 e 1984). No entanto, isto não o impediu de erguer a sua igreja e de se tornar uma figura incontornável no cenário religioso e político angolano.¹¹ Hoje, trinta anos após o desaparecimento do seu profeta fundador, a Igreja Tokoista é uma das maiores instituições religiosas neste país. No entanto, no seio do movimento persiste uma discussão contínua e complexa sobre quem foi «realmente» Simão Toko e sobre qual terá sido a sua contribuição para o país, para África, para o mundo e para a fé cristã no geral.¹² Esta instabilidade e esta ansiedade, motivadas por processos de disputa etno-política entre as distintas sensibilidades da igreja, desencadearam por sua vez uma vontade crescente de produção biográfica sobre a figura de Toko, utilizada como elemento de legitimação ou contestação da liderança actual. Neste contexto, a biografia profética constituiu, por assim dizer, «objecto de prova» para os distintos interlocutores envolvidos na sua produção, materializando-se em livros, teses, artigos, vídeos, fotografias e arquivos que vão circulando entre os membros do movimento.

Devido ao seu carácter normalmente hagiográfico, os textos e produções que se inserem neste âmbito tendem a assumir uma

dimensão politicamente enviesada, marcada pela glorificação e heroicização de um determinado líder através da celebração dos seus feitos e qualidades. Deste ponto de vista, tais textos sofrem do mesmo problema que o género «história de elite», elaborada por muitos historiadores e cientistas políticos, podendo ser alvo do mesmo tipo de crítica que a escola dos *Annales* fez à história *événementielle*. Também sofrem do problema de «ilusão biográfica» que Bourdieu apontou na sua pequena reflexão sobre o género: a trajetorialização da narrativa numa linha coerente e progressiva, determinista, que termina no ponto de partida do discurso: o «eu, agora».¹³ Se essa ilusão é expectável em qualquer tipo de material biográfico – desde *curricula vitae* a memórias publicadas, *biopics* de Hollywood, etc. –, no caso das biografias proféticas reveste-se de um determinismo intencionalizante, que enfatiza a coerência entre os diferentes momentos da biografia, por sua vez investida de raciocínios que confirmam a sua dimensão espiritual, extra-humana. Nesta perspectiva, a biografia profética transforma-se a si mesma numa profecia.

Por outro lado, a biografia profética apresenta a característica de ser frequentemente o produto de uma historiografia colectiva, não emitida pelo próprio sujeito da história, mas sim por aqueles que o/a rodeiam, e que participam, voluntária ou involuntariamente, na sua construção. No caso da Igreja Tokoista, por exemplo, um dos principais agentes que contribuíram para a biografia do profeta foi a própria PIDE, o seu principal adversário durante várias décadas. Entre 1950 e 1974, as datas que marcaram a chegada do movimento de Simão Toko a Angola e a saída da polícia política do território angolano, o líder e os seus seguidores foram sujeitos a várias medidas de controlo, vigilância, detenção e exploração laboral. Neste âmbito, a correspondência trocada entre o líder exilado e os seus seguidores foi alvo de escrutínio e filtração por parte da PIDE, que assim acumulou ao longo das décadas um registo epistolar composto por milhares de cartas. Esse acervo,

que hoje pode ser consultado na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Ultramarino, constitui testemunho e é uma fonte de pesquisa utilizada pelos próprios tokoístas no âmbito das suas produções biográficas.

Finalmente, a biografia profética de Toko levanta igualmente problemas interessantes relativamente à sua própria heurística. Ao contrário do que acontece com outros processos de canonização e mitificação biográfica, a biografia profética é um exemplo de profusão semântica, através da inauguração de tropos e conceptualizações que emergem do material biográfico. Neste sentido, as biografias proféticas produzem as suas próprias «semânticas históricas», como propunha Reinhart Koselleck, na medida em que o exercício de «escrita» biográfica produz conceitos, ideias, objectos e práticas que se tornam significativos no contexto litúrgico e teológico do movimento – por exemplo, o próprio conceito de «relembro» que guia a principal proposta teológica da Igreja Tokoista.¹⁴ Este conceito apareceu naquele que é considerado o momento fundacional da igreja, 25 de Julho de 1949, quando o Espírito Santo alegadamente desceu em Léopoldville sobre Toko e um grupo de seguidores, e estes foram investidos de dons carismáticos, como a profecia, a glossolalia, a cura, a presciência, etc. No caso específico de Toko, gerou-se um entendimento ou uma revelação sobre a própria fé cristã e o seu alcance histórico: o reconhecimento de que o cristianismo, tal como chegou à África nas mãos de missionários europeus e brancos, era corrupto. Este entendimento deu origem àquilo a que se poderia chamar «argumento conservador e reformista» na proposta teológica de Toko, apelando ao «regresso» a um cristianismo original que «relembresse» o que fora entretanto esquecido pelos cristãos.

Deste modo, a própria biografia profética de Simão Toko constitui, em si mesma, uma proposta de historiografia alternativa, uma produção autóctone que questiona interpretações hegemónicas e académicas da história, pluralizando o próprio conhecimento.

NOTAS

- 1 Talal Asad, *Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power in Christianity and Islam*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1993.
- 2 Georges Balandier, *Sociologie actuelle de l'Afrique Noire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1955; Marshall Sahlins, *Apologies to Thucydides: Understanding History and Culture and Vice Versa*, Chicago, IL, University of Chicago Press, 2004.
- 3 Georges Balandier, «The Colonial Situation», em Pierre van der Berghe (coord.), *Africa. Social Problems of Change and Conflict*, San Francisco, CA, Chandler Publishing, 1965, pp. 36-57.
- 4 Ver, por exemplo: Douglas Johnson e David Anderson, *Revealing Prophets in Eastern African History*, Londres, James Currey, 1995.
- 5 Claude Lévi-Strauss, «Le sorcier et sa magie», em *Anthropologie structural*, Paris, Plon, 1958. E. E. Evans-Pritchard, *The Nuer*, Oxford, Oxford University Press, 1940. Vittorio Lanternari, *The Religions of the Oppressed*, Nova Iorque, Alfred Knopf, 1963.
- 6 Ruy Llera Blanes, «O Líder É o Profeta, o Profeta É o Líder. Continuidades e Descontinuidades da Liderança Carismática no Contexto Angolano», em *Anthropológicas* n.º 25 (1), 2015, pp. 107-127.
- 7 Walter Benjamin, «Theses on the Philosophy of History», em *Illuminations*, Nova Iorque, Schocken Books, 1968.
- 8 Georges Balandier, *op. cit.*; Wyatt MacGaffey, *Modern Kongo Prophets: Religion in a Plural Society*, Bloomington, IN, Indiana University Press, 1983.
- 9 Peter Worsley, *The Trumpet Shall Sound: A Study of Cargo Cults in Melanesia*, Londres, McGibbon and Kee, 1957; Holger Jebens, «Signs of the Second Coming: On Eschatological Expectation and Disappointment in Highland and Seaboard Papua New Guinea», em *Ethnohistory*, n.º 47 (1), 2000, pp. 171-204.
- 10 James C. Scott, *The Art of Not Being Governed: An Anarchist History of Upland Southeast Asia*, New Haven, CT, Yale University Press, 2009.
- 11 Ruy Llera Blanes, *A Prophetic Trajectory. Ideologies of Place, Time and Belonging in an Angolan Religious Movement*, Oxford e Nova Iorque, Berghahn, 2014.
- 12 Ruy Llera Blanes, «Unstable Biographies: The Ethnography of Memory and Historicity in an Angolan Prophetic Movement», em *History and Anthropology*, n.º 22 (1), 2011, pp. 93-119; Ruy Llera Blanes, *A Prophetic Trajectory*.

Ideologies of Place, Time and Belonging in an Angolan Religious Movement, 2014.

- 13 Pierre Bourdieu, «L'illusion biographique», em *Actes de recherches en sciences sociales*, n.º 62/63, 1986, pp. 69-72.
- 14 Reinhart Koselleck, *The Practice of Conceptual History: Timing History*,

Spacing Concepts, Stanford, Stanford University Press, 1985; Reinhart Koselleck, *Futures Past: On the Semantics of Historical Time*, Nova Iorque, Columbia University Press, 2004.

BRUNO MONTEIRO é sociólogo e investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. É bolseiro de pós-doutoramento com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) (BPD/85086/2012). Recentemente publicou *Homens Industriais. Sociologia Histórica das Tomadas de Posição do Patronato Portuense (1945-1974)* (Fundação Eng. António de Almeida, 2015) e *Frágil como o Mundo. Etnografia do Quotidiano Operário* (Afrontamento, 2014).

CARLOS MAURÍCIO é professor do Departamento de História do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). É autor de *A Invenção de Oliveira Martins. Política, Historiografia e Identidade Nacional no Portugal Contemporâneo (1867-1960)* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005) e coordenou «As Histórias Nacionais: Entre o Passado e o Futuro / National Histories: Between the Past and the Future» (*Ler História*, 41, 2001).

CLÁUDIA FIGUEIREDO é bolseira de doutoramento da FCT no Birkbeck College, na Universidade de Londres. É autora, entre outras publicações, dos artigos «A Construção de Uma Frente Estética: O Projecto da Sociedade Teatro Livre (1902-1908)» (em *De Pé sobre a Terra: Estudos sobre a Indústria, o Trabalho e o Movimento Operário em Portugal*, Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa – Universidade Popular do Porto, 2013) e «The Stage of Mars: Representations of the First World War and Its Social Effects on Portuguese Dramaturgy» (*e-Journal of Portuguese History*, 2013).

CRISTINA NOGUEIRA DA SILVA é professora na Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade (CEDIS). É autora do livro *Constitucionalismo e Império. A Cidadania no Ultramar Português* (Almedina, 2009) e de várias publicações sobre o tema da escravatura e do estatuto constitucional do escravo no século XIX.

DIOGO DUARTE é investigador no Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa (FCSH-UNL). Formado em Antropologia, completou uma tese de mestrado sobre violência anticlerical durante a I República e actualmente o seu trabalho debruça-se sobre a história do Estado e do anarquismo em Portugal nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. É bolseiro de doutoramento financiado pela FCT.

ELISA LOPES DA SILVA é doutoranda em História (Programa Interuniversitário de Doutoramento em História), no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com bolsa de doutoramento da FCT. Entre outras publicações, é autora do artigo «Time to Settle Down: Property, State and Its Subjects» (em Luís Trindade [coord.], *The Making of Modern Portugal*, Cambridge Scholars, 2013).

EMÍLIA MARGARIDA MARQUES é investigadora no Centro em Rede de Investigação em Antropologia do ISCTE-IUL. Entre outros estudos, publicou *Os Operários e as Suas Máquinas: Usos Sociais da Técnica no Trabalho Vidreiro* (Gulbenkian/FCT, 2009) e «Work, Wage and Consumption: Valuing and Displaying Among Manufacturing Workers» (*Etnográfica*, 14 [3], 2010).

FÁTIMA SÁ E MELO FERREIRA é professora do Departamento de História do ISCTE-IUL e investigadora integrada do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL). É actualmente directora da revista *Ler História*. É autora, entre outras publicações, de *Rebeldes e Insubmissos. Resistências Populares ao Liberalismo (1834-1844)* (Afrontamento, 2008) e co-editora do *Diccionario político y social del mundo iberoamericano* (direcção de Javier Fernández Sebastián, Centro de Estudios Políticos y Constitucionales e Universidad del País Vasco, vols. I e II, 2009 e 2014).

JOANA CUNHA LEAL é professora do Departamento de História da Arte da FCSH-UNL. É investigadora integrada do Instituto de História da Arte da mesma instituição. Foi investigadora responsável do projecto «Modernismos do Sul», financiado pela FCT. A sua publicação mais recente integra o catálogo da exposição *O Círculo Delaunay*, com o título «A Corporation Nouvelle, o Projecto da Exposição em Barcelona e a Internacional Simultaneísta» (Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna, 2015).

JOANA ESTORNINHO DE ALMEIDA é investigadora no Centro de Investigação e Desenvolvimento sobre Direito e Sociedade (CEDIS) da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa. Recentemente, publicou «Os Empregados de Secretaria na Transição para Uma Administração Moderna do Estado (1640-1834)» (*Cadernos do Arquivo Municipal*, Julho-Dezembro de 2014) e «De Secretaria de Estado a Ministério: A Construção do Novo Modelo Liberal (1834-1851)» (*Do Reino à Administração Interna: História de Um Ministério, 1736-2010*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016).

LAIS PEREIRA é investigadora do Instituto de História Contemporânea na FCSH-UNL. É autora de uma tese de mestrado sobre representações da identidade nacional no cinema de animação português. É bolseira de doutoramento da FCT (SFRH/BD/89227/2012) com um projecto intitulado «As Representações Fotográficas do Povo no Portugal Contemporâneo (1880-1960)».

MARIA-BENEDITA BASTO é professora associada no Departamento de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos da Universidade de Paris-Sorbonne. Recentemente organizou, com Regane Vecchia e Debora David, o dossiê «Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e o Pós-Independência» (*Revista Via Atlântica*, Universidade de São Paulo, 27, 2015) e publicou «Said lecteur de Vico et de Gramsci: politiques de l'affiliation et pratiques des communs possibles» (*Said et les effets des mythologies coloniales*, Montigny-sur-Canne, Association Ici et Ailleurs pour une Philosophie Nomade, 2015, pp. 101-118).

MARTA SILVA é investigadora do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL, onde desenvolve um projecto de doutoramento financiado pela FCT. É autora de *Os Trilhos da Emigração. Redes Clandestinas de Penedono a França (1960-1974)* (Colibri, 2011) e co-organizou *The Borders of Schengen* (Peter Lang, 2015).

MIGUEL CARDINA é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Entre outras publicações, é autor de *Margem de Certa Maneira. O Maoísmo em Portugal. 1964-1974* (Tinta-da-china, 2011), e, com Bruno Cordovil, traduziu e introduziu *A Morte de Luigi Trastulli e Outros Ensaios. Ética, Memória e Acontecimento na História Oral, de Alessandro Portelli* (Unipop, 2013). O texto inserido neste volume foi realizado no âmbito de um contrato de investigador FCT (IF/00757/2013/CP1164/CT0004).

PEDRO RAMOS PINTO lecciona na Faculdade de História da Universidade de Cambridge, e é membro do Trinity Hall College. As suas publicações mais recentes incluem *Lisbon Rising: Urban Social Movements in the Portuguese Revolution, 1974-1975* (Manchester University Press, 2013) e a colecção de ensaios *The Impact of History? Histories at the Beginning of the 21st Century* (Routledge, 2015), coordenada em parceria com Bertrand Taithe.

RICARDO ROQUE é investigador auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Actualmente, é também sócio honorário do Departamento de História da Universidade de Sidney. Entre outras publicações, é autor de *Headhunting and Colonialism* (Palgrave, 2010) e *Antropologia e Império* (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001), e é co-organizador de *Engaging Colonial Knowledge* (Palgrave, 2012).

RUY BLANES é antropólogo e investigador na Universidade de Bergen (Noruega) e no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Entre outras publicações, é autor do livro *A Prophetic Trajectory* (Berghahn, 2014).

STEVEN FORTI é investigador do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL. Entre outras publicações, é autor de *El peso de la nación. Nicola Bombacci, Paul Marion y Óscar Pérez Solís en la Europa de entreguerras* (Universidade de Santiago de Compostela, 2014). É bolseiro de pós-doutoramento da FCT (SFRH/BPD/96373/2013).

TIAGO PIRES MARQUES é investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Este trabalho resulta de um projecto de investigador FCT, iniciado em 2014. É autor do livro *Crime and the Fascist State* (Pickering & Chatto, 2013) e coordenou *Experiências à Deriva. Paixões Religiosas e Psiquiatria na Europa – Séculos XV a XXI* (Cavalo de Ferro, 2013).

TIAGO RIBEIRO é investigador júnior no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e mestre em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com a dissertação «Ensaio Sociológico sobre o Direito, o Sexo e a Desigualdade numa Era Que ainda É». É doutorando em Sociologia pela mesma instituição (bolseiro FCT) e assistente convidado a tempo parcial na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

TOMÁS VALLERA é doutorando em História da Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. É co-autor do artigo «O Sábio-Aprendiz e o Efémere Lugar da Escrita: Para Uma Ética da Inventividade Académica» (*Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 40, 2014). É bolseiro de doutoramento da FCT.

VICTOR PEREIRA é professor auxiliar da Université de Pau et des Pays de l'Adour. Entre outras publicações, é autor de *A Ditadura de Salazar e a Emigração. O Estado Português e os Seus Emigrantes em França (1957-1974)* (Temas e Debates, 2014) e coordenou, com Nuno Domingos, *O Estado Novo em Questão* (Edições 70, 2010).

VIRGÍLIO BORGES PEREIRA é professor associado com agregação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras e investigador do Instituto de Sociologia, ambos da Universidade do Porto. Entre outras publicações, escreveu, com João Queirós, *Na Modesta Cidadezinha: Génese e Estruturação de Um Bairro de Casas Económicas do Porto (Amial, 1938-2010)* (Afrontamento, 2012). Com Bruno Monteiro, coordenou *Intelectuais Europeus no Século XX. Exercícios de Objectivação Sócio-Histórica* (Afrontamento, 2014).

*

JOSÉ NEVES é professor auxiliar no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. Dirige actualmente a revista *Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*. É autor de *Comunismo e Nacionalismo em Portugal – Política, Cultura e História no Século XX* (Tinta-da-china, 2008), obra que recebeu o Prémio Victor de Sá 2008, o Prémio CES 2009 e o Prémio Adérito Sedas Nunes 2010. Ainda na Tinta-da-china, coordenou *Como se Faz Um Povo – Ensaios em História Contemporânea de Portugal* e, com Bruno Peixe Dias, *A Política dos Muitos – Povo, Classes e Multidão*.